

S

sumário

INTRODUÇÃO 7

1. Corpo, alma e sociedade	9
2. Amor e sexo	28
3. Amor e vaidade	53
4. Amor e vícios	80
5. Amor e razão	108
6. Do que somos capazes	132

Esse livro é composto de seis ensaios que escrevi ao longo dos anos 1990. Cinco deles correspondem a versões atualizadas – e amadurecidas – de textos que publiquei sob o título “Considerações complementares” na antiga edição de *Uma nova visão do amor*. O primeiro nunca foi publicado em livro e dá o tom que tentei imprimir ao conjunto do trabalho. Trata da forma como nós, os humanos, fomos capazes de utilizar as potencialidades do cérebro.

O primeiro ensaio define a diretriz que tem norteado minhas reflexões acerca da nossa condição biopsicossocial. Entendo a razão como um fantástico subproduto da atividade cerebral. Fantástico porque ganha vida própria e, ao menos em parte, se torna autônoma, capaz de influir sobre o corpo e também de gerar normas ordenadoras da vida social. Essas regras têm estado, mais que tudo, a serviço de organizar os meios de produção e regulamentar a distribuição das riquezas que derivam daí.

Boa parte das minhas considerações visa demonstrar como, nos dias que correm, temos sido mais que tudo influenciados por crenças que emanam da complexa trama social na qual estamos mergulhados. A impressão

Nós, os humanos

Flávio Gikovate

que tenho é de que perdemos as rédeas dos processos que nos são mais relevantes, deixando-nos dominar cada vez mais pelos componentes biológicos e sociais que nos constituem. Nossa alma – termo tradicionalmente usado como sinônimo de razão –, entidade que nos confere dignidade e permite pensar por conta própria, parece estar esmagada e inoperante.

Meu objetivo com este novo trabalho é esclarecer um pouco melhor a trajetória intelectual que venho percorrendo com base na extensa experiência clínica que acumulei. Pretendo também resgatar uma atitude otimista – cada vez mais rara – em relação à nossa condição. Ela se alicerça na diminuição da dependência das crenças sociais que nos cercam e nos invadem. Temos de restaurar a importância das ideias produzidas por cada um de nós, aquelas que emanam de uma razão atuante, livre e forte.



1 um

Corpo, alma e sociedade

Nós, os humanos, somos uma espécie ímpar e difícil de ser comparada mesmo com nossos ancestrais mais próximos. Nosso cérebro cresceu e se diferenciou de forma extraordinária, criando um “equipamento” difícil de ser entendido, mas gerador de atividades inusitadas que nos capacitaram para funções bastante complexas. Talvez a mais formidável seja a possibilidade de constituição da linguagem. Ela depende de múltiplos fatores, mas passa, antes de mais nada, pelo aprimoramento de inúmeras áreas cerebrais hoje mais ou menos bem mapeadas.

Penso na aquisição da linguagem como um divisor de águas entre duas circunstâncias existenciais completamente distintas. Nossa espécie viveu, ao longo de mais de 100 mil anos, sem ter sido capaz de sistematizar e transferir às gerações seguintes um sistema de sinais que denominassem objetos, ações e sensações. Vivemos, mais que tudo, às voltas com a resolução de necessidades de sobrevivência. Valíamo-nos do que tínhamos sido capazes de aprender por meio de arcos reflexos derivados das experiências objetivas a que estávamos submetidos; servíamo-nos de instintos que nos ajudavam nas tarefas relacionadas com a

luta pela vida e sua perpetuação (sexualidade e instinto maternal).¹

Nossas condutas práticas não diferiam muito das dos outros mamíferos, apesar de já dispormos de um cérebro bem diferenciado. É como se dispuséssemos do “equipamento” mas não tivéssemos condições de utilizá-lo. Ou, como gosto de dizer, possuíamos o *hardware*, mas não tínhamos sido capazes de constituir um *software* que nos permitisse ativá-lo. É mais ou menos assim que todos nascemos: nossa história pessoal repete a da nossa espécie (em linguagem sofisticada, nossa ontogênese repete a filogênese).

Imagino que em algum momento dos últimos 20 mil anos fomos capazes de dar uso efetivo ao cérebro que já possuíamos há muito tempo, associando de modo estável a presença de determinados objetos a símbolos sonoros – e depois também a desenhos, nossa primeira escrita. Avançamos e atribuímos símbolos também às propriedades dos objetos e aos atos a eles associados. A associação estável de símbolos a objetos implicava a utilização dos mesmos símbolos por todos os membros daquele determinado grupo. Nessas condições, poderiam ser transferidos de uma geração a outra, produzindo uma

¹ O termo “instinto” é usado com mais de um significado de acordo com cada autor. Penso que uma boa forma de defini-lo seria como o impulso que determina condutas que não necessitam ser aprendidas (inatas), manifestam-se de forma espontânea e nos ajudam a resolver necessidades de sobrevivência, assim como nos impulsionam para as buscas eróticas (que acabam tendo uma finalidade relacionada com a sobrevivência da espécie). Assim, nossas manifestações instintivas mais evidentes dizem respeito ao medo, às reações agressivas e ao empenho em abordagens sexuais.

sistemática e rápida acumulação de experiências e conhecimento. Imagino que esta possa ter sido a primeira grande revolução “tecnológica”, de certa forma parecida com a que estamos vivendo na atualidade.

É claro, aos meus olhos, que a sistematização de determinada forma de linguagem derivava da existência de algum tipo mais ou menos estável de vida em grupo. Assim, a vida coletiva era condição essencial para que pudéssemos ter feito esse avanço fundamental. Condição tão essencial quanto a presença de um cérebro capaz de memorizar um número crescente dos símbolos que agora podemos chamar de palavras.

Não consigo imaginar com clareza até que ponto a aquisição da linguagem influenciou a vida íntima de cada pessoa dentro do mesmo grupo social. **As palavras, agora usadas por todos com o mesmo significado, passam, na mente de cada um, a substituir os objetos ou situações a que se referiam, da mesma forma que os números passam a substituir a quantidade de objetos presentes em um aglomerado.** De uma hora para a outra, passamos a correlacionar as palavras entre si sem precisarmos nos ater diretamente aos fatos que elas representam, assim como os matemáticos podem inventar correlações entre números que têm muito pouco que ver com as quantidades a que inicialmente se referiam.

Passamos a construir pensamentos, ou seja, conjuntos de frases constituídas por palavras que, um dia, foram “apenas” símbolos indicativos de objetos, situações ou sensações. Assim como nossos ancestrais, nós tam-